

DA CINELANDIA

WILHELM FLÜSSER

Suplemento Literario — 3

A guide to classic things for

turo. O primeiro é um novo tipo de ser, que surgiu por geração espontânea, é vermiciforme, retrorce-se aparentemente por dores intestinais constantes, tem propósito obstinado e monomaniaco (a "bilheteria") e chama-se "fila". É possível que esse ser venha a substituir, futuramente, pela regra darwiniana, a humanidade. O segundo fenômeno são as fotografias que ornamentam as entradas. Trata-se de ícones de ídolos antropomórficos em posições geralmente lascivas, que anunciam filmes futuros, e, talvez, uma forma nova de religiosidade.

Transposta a entrada, e vencida a barreira na qual a "gente" sacrifica o oboio, abre-se uma cena inteiramente nova. Na quase escuridão de uma caverna chamada "plateia" uma multidão de fieis sentados em cadeiras dispostas de maneira geométrica e cartesiana contempla, silenciosa, sombras gigantescas e barulhentas que se agitam na parede oposta. O rito que estou descrevendo se chama "espetáculo", e os fieis "espectadores". Penetramos, com efeito, no santíssimo da cinelandia, ao termos penetrado na caverna. É esta a festa para a qual as multidões confluem de todos os horizontes da cidade, é para a participação dessa festa que desafiam os perigos do trânsito e as inclemências do tempo, e é em função dessa festa que a "gente" é transmutada milagrosamente em fila. O que festeja a festa e o que simboliza o rito?

As festas clássicas na acrópole festejavam a natureza, e seus ritos simbolizavam aspectos da natureza. As festas medievais na catedral festejavam

o que transcendia natureza, e seus ritos simbolizavam o transcender da natureza. A festa atual na cinelandia festeja o homem enquanto sujeito, e seus ritos simbolizam a adequação desse sujeito ao seu objeto. As cavernas dos cinemas são os lugares nos quais é representada, simbolicamente, a situação do homem moderno. É a situação do sujeito que é lançado contra um mundo objetivo. Mas o cinema inverte a situação do homem moderno. No cinema o mundo objetivo é lançado contra o sujeito. E' por isto que se fala em "lançamentos" de filmes e em cinemas "lançadores", naquele jargão sangrento e brutal que caracteriza a atualidade. Invertendo a situação, transforma o cinema o sujeito em espectador, e o mundo objetivo em espetáculo projetado. Invertendo as funções da equação "sujeito — objeto", estabelece portanto o cinema uma situação de realização derradeira do sujeito. O sujeito transformado em espectador, e o mundo transformado em espetáculo projetado, são as metas e os ideais da Idade Moderna. E' o homem, como consumidor perpetuo, enfrentando o mundo como aparelho automático, produtor de sensações e gozos. No cinema a "gente" participa, desde já, da plenitude dos tempos. O cinema festeja ritualmente a adequação derradeira do sujeito ao objeto, isto é, festeja o paraíso.

A quase escuridão da plateia, a ordem geométrica das cadeiras, e a fila como iniciação à plateia, são ritos destinados a suprimir os últimos vestígios de individualidade que porventura ainda aderem ao homem moderno. O homem-spectador dispensa, soberano, "personalidade", herança su-

perada do Renascimento. No cinema o homem mergulha na massa amorfa da "gente", derradeira síntese dialética do processo chamado "progresso". A "gente" é o denominador comum mais baixo de todas as pessoas. No cinema todas as pessoas são niveladas, ritualmente, ao plano da "gente". O cinema liberta do peso da pessoa e da personalidade. O cinema é portanto uma festa libertadora e purificadora. A cinelandia, como distrito dos cinemas, é o distrito sagrado da cidade moderna. E' pelo menos assim que ela se apresenta à "paixão quente da noite".

E se for vista pela "T. zão fria do dia"? Na luz sobria do sol (o qual ainda ilumina a cidade moderna periodicamente, embora uma camada protetora de gases benzólicos já sirva de defesa), a cinelandia se apresenta tristemente profana.

Nas suas ruas diurnas sopra o vento da solidão que aglomera, de vez em quando, às portas dos cinemas alguns grãos daquela areia moedada chamada "humanidade moderna". A vassoura do tédio e do desespero varre esses grãos para as cavernas das plateias. Dispersos nas cadeiras distribuídas "morte geométrico" procuram essas existências isoladas a ilusão da comunhão e abrigo. A desproporção dessas figuras pateticamente acocoradas no vacúo da caverna com as sombras gigantescas e dominadoras na tela acentua a situação desabrigada. Mas aparecem, nessa cena desolada, relâmpagos de autenticidade. São os cais de namorados, os quais, em sua ansia de perpetuar o gênero humano, se infiltram no santíssimo da cinelandia com propósitos inteiramente alheios.

Desprezam esses seres de um mundo diferente os ritos cíalandicos, e são portanto pegados pelos guardas do templo. E há na plateia diurna, de vez em quando, a manifestação de uma invasão barbara daquela tribo nomadica chamada "devoradores de cachorros quentes". Mas essa invasão é apenas aparente. O desprezo pelos ritos que estes hunos ostentam é pose, já que são movidos pelo mesmo tédio e desespero dos fieis ortodoxos. Os namorados são representantes de uma humanidade arcaica, prestes a ser superada hegelianamente por um processo do qual a cinelandia é a ponta da lança. Os devoradores de cachorros quentes são produtos desse processo, e representam prenunciios de uma humanidade nova, o raiar de uma noite aurora.

A visão diurna da cinelandia como abrigo ilusorio contra o tédio e o desespero parece contrastar com a visão noturna da cinelandia como festa da plenitude dos tempos. Mas o contraste é aparente. Na realidade trata-se de duas faces da mesma moeda. A cinelandia é o lugar cultico da cidade moderna. E' portanto o lugar das festas, mas também das preces isoladas. Acolhe toda noite a massa festiva das filas, mas acolhe igualmente, toda tarde, os aflitos e desolados. No fundo, bem no fundo, não há diferença entre noite e tarde. As filas festivas, se analisadas, demonstrarão que consistem de aflitos e desolados. E os aflitos e desolados, se amontoados, cristalizar-se-ão em filas. E que o culto cíalandico é culto da ilusão e da irrealidade. Os seus fieis são seres que já não são homens e ainda não são fantasmas. São "gente". São mutantes de um processo mutatório que tem a cinelandia por foco. E' neste sentido dinâmico e funcional que a cinelandia é o centro da cidade moderna.

Arqueólogos pesquisam as acrópoles da Antiguidade. Críticos de arte visitam as catedrais góticas para explicá-las. Mas há também os turistas. São os emissários da cinelandia às suas próprias origens. Transformam acrópoles e catedrais em espetáculos, porque são espectadores. Desta forma engloba a cinelandia o seu próprio passado. Com efeito: o passado não passa de cinerama. E o futuro já está realizado pela transformação do mundo em espetáculo projetado. Com efeito: o futuro não passa de "sessão", isto é, de acontecimento espirita e cinematográfico planejado. E' neste sentido, englobando passado e futuro, que o cinema é não somente a arte, mas também a religião do presente. E' neste sentido, igualmente, que a cinelandia é o centro da cidade. E' por isto que um estudo existencial da cinelandia urge. Revelará alguns aspectos fundamentais do homem da atualidade. Revelará aspectos análogos aos que fizeram com que Sócrates bebesse o veneno. E' para esse tipo de estudo que o presente artigo procurou despertar a curiosidade e a vontade criadora dos leitores.